

EXU: DE DEUS MITOLÓGICO À DEMÔNIO CRISTÃO

EXU: FROM MYTHOLOGICAL GOD TO CHRISTIAN DEMON

EXÚ, DE DIOS MITOLÓGICO A DEMONIO CRISTIANO

Penélope Harline Rodrigues¹
José Carlos Moraes²

Resumo

Este artigo tem por objetivo demonstrar parte do percurso histórico de uma divindade do panteão africano. Exu, em sua fonte mitológica, é criação de *Olódùmarè*, o deus criador dos Orixás na cultura africana. Exu é cultuado em diversas vertentes de matrizes africanas pelo mundo; foi demonizado por padres missionários portugueses, ainda em sua terra de origem, por suas representações fálicas. Portador de uma personalidade dual, é apresentado desde diferentes óticas ao longo de sua trajetória; ora é o malfeitor, desordeiro, briguento e colérico, ora o ordenador do caos, o benfeitor e o fiscalizador da conduta humana. Migrou para o Brasil na memória dos africanos que foram tirados do seu continente de origem para serem escravizados, no período colonial. Aos africanos escravizados, impôs-se a religião católica; eram obrigados a frequentar as missas e a jurar que estavam convertidos, para não sofrer punições. Porém, em forma de resistência, para manter seu culto ancestral, iniciaram o sincretismo no Brasil. Assim como seu povo, Exu também resistiu ao tempo e aos pré-conceitos estabelecidos ao longo da história. Na atualidade, se faz presente e é cultuado em diversas vertentes religiosas pelo mundo.

Palavras-chave: Exu; religião; matrizes africanas; ritos; rituais.

Abstract

This article aims to demonstrate part of the historical path of a deity from the African pantheon. Exu, in its mythological source, is the creation of *Olódùmarè*, the creator god of the Orixás in African culture. Exu is worshiped in various lines of African matrices around the world; it was demonized by Portuguese missionary priests, still in its homeland, for its phallic representations. Bearer of a dual personality, it is presented from different perspectives throughout its trajectory; sometimes it is the evildoer, troublesome, quarrelsome, and angry, and at other times the chaos regulator, the benefactor, and the supervisor of human conduct. It migrated to Brazil in the memory of Africans who were taken from their continent of origin to be enslaved during the colonial period. On enslaved Africans, the Catholic religion was imposed; they were obliged to attend Mass and swear that they were converted, to not suffer punishment. However, in the form of resistance, to maintain their ancestral cult, they started syncretism in Brazil. Like its people, Exu also resisted time and prejudices established throughout history. Currently, it is present and worshiped in various religious orientations around the world.

Keywords: Exu; religion; African matrices; rites; rituals.

Resumen

Este artículo tiene el objetivo de demostrar parte del recorrido histórico de una divinidad del panteón africano. Exú, en su fuente mitológica, es creación de *Olódùmarè*, el dios creador de los Orixás en la cultura africana. Es venerado por diversas vertientes de las matrizes africanas por el mundo; fue demonizado por padres misioneros portugueses, aún en su tierra de origen, por sus representaciones fálicas. De personalidad dual, se presenta desde óticas distintas a lo largo de su trayectoria; ora es el malhechor, promotor de desórdenes, peleón y colérico, ora el regulador del caos, el bienhechor y vigilante de la conducta humana. Migró hacia Brasil en la memoria de los africanos, apartados de su continente de origen para ser esclavizados, en el período colonial. A los africanos esclavizados, se les impuso la religión católica; estaban obligados a frecuentar la misa y a jurar que se habían convertido, para no sufrir puniciones. Sin embargo, bajo la forma de resistencia, para mantener su culto ancestral,

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: penelopeharline@gmail.com.

² Bacharel em Teologia. Professor da Licenciatura em Ciências da Religião do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: Moraes.Tesoureiro4398@hotmail.com.

dieron inicio al sincretismo en Brasil. Así como su pueblo, Exú también resistió al tiempo y a los prejuicios establecidos a lo largo de la historia. Actualmente, está presente y le rinden culto en diversas vertientes religiosas por el mundo.

Palabras-clave: Exú; religión; matrices africanas; ritos; rituales.

1 Introdução

Exu é uma divindade do panteão africano, conta com adeptos e simpatizantes da cultura Iorubá e das matrizes africanas em todo o mundo. É aquele que guarda seus comungantes e as portas dos templos, aquele que leva as mensagens do homem para os deuses; a ele são atribuídas diversas bençãos. Exu é o primeiro que deve ser cultuado; seu falo ereto simboliza a fertilidade. Portador supremo da vitalidade, possui uma personalidade versátil: ora é o desordeiro, ora o fiscalizador ou o ordenador do caos.

De deus mitológico africano foi transformado em diabo cristão. A demonização de Exu começa na África, com a chegada dos colonizadores que tinham por missão converter os nativos; ao depararem-se com o culto aos Orixás e altares consagrados a Exu, com seu falo ereto, os católicos o associaram ao demônio, uma vez que a Igreja Católica condenava o ato sexual. O sexo deveria ser praticado somente para a procriação, sendo proibido associá-lo a momentos de prazer.

Partindo deste embate religioso, qual o percurso traçado por Exu, desde a sua fonte na mitologia africana, sua chegada ao Brasil, e o motivo para ser demonizado; como foi e é cultuado por diversas vertentes de matrizes africanas; quais os ritos, rituais e símbolos que representam esta divindade; qual a evolução de Exu ao longo de sua trajetória?

Este trabalho tem por objetivo promover a desmistificação de Exu, trazer à luz do conhecimento parte da cultura afro na religiosidade brasileira; reconhecer a divindade mitológica na doutrina católica e nas religiões de matrizes africanas; valorizar parte da cultura religiosa e histórica do Brasil; proporcionar visibilidade a ritos, rituais e simbologia, destinados ao Orixá, nas religiões de vertentes afro-brasileiras.

Quanto à metodologia, este trabalho se apoia no método bibliográfico qualitativo, visto que utiliza conceitos e opiniões de diversos autores e pesquisadores, que propõem objetivos similares a estes.

2 Orixá Exu, a criação da divindade mitológica

A origem de Exu ocorre em sua fonte mitológica, com a criação da divindade por *Olódùmarè*, o deus supremo criador dos Orixás.

Ao abordar a mitologia Iorubá, se faz necessário trazer à luz do entendimento o deus criador das divindades do panteão africano. Ao definir *Olódùmarè*, Verger (1982) afirma que se trata de um deus de fonte contestável, inacessível à súplica humana:

Acima dos Orixás reina um deus supremo, *Olódùmarè*, cuja etimologia é duvidosa. É um deus distante, inacessível e indiferente às preces e ao destino dos homens. Está fora do alcance da compreensão humana. Ele criou os Orixás para governarem e supervisionarem o mundo. É, pois, a eles que os homens devem dirigir suas preces e fazer oferendas. *Olódùmarè*, no entanto, aceita julgar as desavenças que possam surgir entre os Orixás (VERGER, 1982, p. 06).

Diferente do deus cristão, *Olódùmarè* não é um deus próximo à humanidade, não aceita uma intercessão direta, pois recorre a uma espécie de organização celestial. Submete os seus adeptos a uma hierarquia; o indivíduo deve reportar-se ao Orixá, por meio de ritos e rituais realizados nas diversas vertentes do culto africano, utilizados para invocar as divindades, realizar pedidos e oferecer agradecimentos. Porém, como um deus que demonstra sentido corporativo, sente a necessidade de manter a ordem; desta forma interfere nas relações de conflito entre as divindades denominadas Orixás, os governantes e supervisores da humanidade.

Ao explanar o mito *Olódùmarè* e a criação de Exu, se faz necessária uma explicação sobre o que são os Orixás, pois as terminologias são ferramentas necessárias para expandir a construção do conhecimento em torno da divindade. Segundo Prandi (2001), os Orixás são supervisores do mundo e dos seres humanos.

Para os Iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de *Olódùmarè* ou Olorum, também chamado de Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana (PRANDI, 2001, p. 20).

Olódùmarè criou os Orixás com atributos individuais; cada qual recebeu uma qualidade, utilizada para o cumprimento de uma função específica. Desta forma, cada Orixá é responsável por uma dimensão da natureza; também atuam na disposição da vida social dos indivíduos. O autor demonstra que os Orixás interferem diretamente na vida de seus adeptos.

Ao abordar a personalidade dos Orixás e a sua interferência na vida do homem, Sàlámì e Ribeiro (2015) fazem a seguinte afirmação:

Compete aos homens solicitarem aos Orixás as forças específicas necessárias, para solução de problemas igualmente específicos. Essas forças da natureza não são boas e nem más em si mesmas; são forças neutras que podem sujeitar-se à vontade humana (SÀLÁMÌ; RIBEIRO, 2015, p. 139).

Observa-se que os deuses denominados Orixás são divindades que estão sujeitas às vontades dos homens; realizam suas funções específicas de acordo com o que é solicitado. Desta forma não podem ser consideradas como divindades de má índole, pois operam suas forças de forma neutra e de acordo com que é imposto pela vontade do homem.

3 Quem é exu, a primeira criação de *Olódùmarè*

Segundo Verger (1982), Exu Orixá é uma divindade complexa, de difícil compreensão, uma vez que as lendas mitológicas o apresentam como um ser de personalidade dual. O autor o descreve:

Exu é um Orixá ou um eborá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil de defini-lo de forma coerente. De caráter irascível, ele gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades públicas e privadas. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com estas características, comparam-no ao diabo, dele fazendo o símbolo de tudo que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus (VERGER, 1982, p. 36).

A dualidade do Exu Orixá é apresentada por Verger (1982); desde uma ótica negativa, demonstra na personalidade da divindade expressões de sentimentos ruins, o que o torna o mais humano dos Orixás, uma vez que estes mesmos sentimentos — descritos como grosseiro, vaidoso, maldoso —, são atributos de emoções humanas. Tais sentimentos, expressos de forma negativa, favoreceram a demonização de Exu pela Igreja Católica e pelos cristãos de diversas correntes.

O autor segue suas considerações, sobre a essência de Exu:

[...] entretanto, Exu possui seu lado bom e, se ele é tratado com consideração, reage favoravelmente, mostrando-se servil e prestativo [...]. Ele tem as qualidades de seus defeitos, pois é dinâmico e jovial, constituindo-se assim um Orixá protetor (VERGER, 1982, p. 36).

Em uma perspectiva positiva, Exu é apresentado com sentimentos de amor, compreensão, humildade, empatia, bondade, benevolência, alegria. O autor demonstra, em seu estudo, que a divindade possui todas as qualidades de seus defeitos; quer dizer, do mesmo modo que carrega em seu âmago o negativo, possui também todas as emoções positivas.

Exu Orixá, por seus adeptos, é cultuado como o Orixá da comunicação, aquele que leva os pedidos ao “*Òrun*” (céu). Desta forma sem Exu, não se faz nada, ele é o primeiro que deve ser ofertado, para que haja a intercessão junto aos Orixás. Também é uma espécie de guardião, com uma função de sentinela. Exu guarda as portas dos templos, as entradas das cidades e

aldeias; é uma divindade sem limitações de fronteiras, pois onde existe um princípio, lá está Exu Orixá.

Das definições da personalidade de Exu, apresentadas por diversos autores, é possível formular uma questão: E se Exu relatasse a sua própria personalidade? O que ele mesmo diria a seu respeito? Cravo Junior (2017) tece um poema em homenagem a Jorge Amado, perfazendo a imagem de Exu por Exu. Em um trecho de seu poema, o autor descreve:

Não sou preto, branco ou vermelho; Tenho as cores e a forma que eu quiser. Não sou diabo, nem santo, sou Exu! Mando e desmando, traço e risco, faço e desfaço. Estou e não vou, tiro e não dou, sou Exu. Sou do mundo, nem do campo, nem da cidade. Não tenho idade. Sou agito, vida, ação. Sou Exu! (CRAVO JÚNIOR, 2017, n. p.).

No que tange à esfera do divino, não existe limitação para compreender Exu; a primeira criação de *Olódùmarè*, em sua fundamentação, é uma divindade versátil, inconstante, totalmente mutável. Exu é o caos e a ordem. Pode ser descrito com um comportamento inadequado e, ao mesmo tempo, como um supervisor da conduta humana, da moral e dos bons costumes, é a ação e a reação. Como um agente fiscalizador entre o bem e o mal.

No que concerne ao percurso histórico de Exu, desde o panteão africano, é possível observar que a divindade é cultuada e adorada em diversas vertentes da cultura Iorubá, pelo mundo. Do mesmo modo, também ocorre um embate religioso, causado pela personalidade da divindade e por seu atributo fálico, o que gera diversos pré-conceitos, racismo religioso e censuras ao longo de sua trajetória histórica.

4 A chegada dos africanos ao Brasil e o pacto “O Padroado”

Estima-se que cerca de 5 milhões de nativos africanos tenham sido inseridos no Brasil por meio do regime escravocrata. A chegada dos primeiros navios negreiros se deu por volta de 1550. A inserção dos negros escravizados no Brasil tinha por objetivo a substituição do trabalho escravo indígena; tal fato teria sido motivado por questões raciais e econômicas.

Nesse período colonial, existia um pacto vigente entre a igreja católica e a coroa portuguesa, chamado de “O Padroado Português”. O acordo tinha como função o fornecimento de um conjunto de privilégios financeiros e administrativos da coroa para a Igreja. No que concerne à Igreja, os padres da “Ordem de Jesus”, os jesuítas, tinham por missão catequizar e converter os nativos das terras descobertas pelos portugueses.

Neste sentido, enquanto a coroa, ao desbravar novas terras, buscava riquezas e poder econômico, a Igreja tinha por ambição a propagação da fé por meio de novos adeptos — a

expansão e a consolidação da religião católica pelo mundo. Assim sendo, o acordo firmado favorecia ambas as partes.

A Igreja, a todo custo, impunha suas crenças, praticava racismo religioso, apoiando-se na coroa portuguesa, enquanto a coroa realizava barbáries em torno de um regime escravocrata e desumano, apoiada pela Igreja.

Considerando os princípios da Igreja Católica — que se apoia nos ensinamentos de Jesus, dirigidos à boa conduta moral e espiritual, com práticas voltadas à caridade, ao amor e à união, com um sentido justo em suas atitudes —, a Igreja, neste período colonial do Brasil, demonstrou, por meio de seus representantes, que os ensinamentos de Cristo perderam a sua essência. Foi possível observar um cenário de apoio à degradação humana. Compactuou com o terror imposto a seres humanos inocentes, tirados de suas terras de origem e conduzidos para diversas partes do mundo, inclusive para o Brasil; seres que sofreram todo tipo de perdas: culturais, emocionais, familiares e religiosas. Os africanos eram escravizados e deveriam trabalhar, por temor a espancamentos e provas de mutilações, que muitas vezes levavam os indivíduos à morte.

No que tange à imposição doutrinária católica, os africanos estariam sendo submetidos à escravidão como uma recompensa divina, a fim de absolvê-los de seus pecados, cometidos por cultuar divindades demonizadas por sacerdotes missionários, ainda em suas terras de origem.

Por meio do regime escravocrata, os africanos escravizados receberiam a remissão de seus pecados de um “Deus-Branco”, apresentado pelos seus representantes como sendo bondoso, puro e imáculo. Mas que, ao se tratar dos africanos escravizados, era representado pelo “senhor capataz”, aquele que era malvado, cruel e inescrupuloso.

Neste cenário caótico e desumano, se inicia o embate religioso, envolvendo a Igreja Católica e os africanos. Estes traziam em suas memórias o culto ancestral aos Orixás, enquanto a Igreja praticava racismo religioso, não respeitando as diferenças culturais e religiosas dos escravizados.

4.1 A demonização de Exu

Exu Orixá foi demonizado em sua fonte mitológica, com a chegada dos padres colonizadores ao continente africano. Ao se depararem com o culto aos Orixás, observaram diversos “assentamentos” de Exu, construídos de barro, com representação fálica de tamanhos desproporcionais. Os assentamentos são representações simbólicas das divindades,

denominadas Orixás; é onde os adeptos fazem oferendas, rezas e cultuam a divindade; análogos ao altar cristão.

Desde os primórdios, a Igreja tende a reprimir a sexualidade no sentido do prazer. Para a doutrina católica, o ato sexual é sacramental, deve ser realizado somente após o casamento e com a finalidade de procriar.

Não existe nas escrituras e fatos históricos da fundamentação doutrinária católica registro de que Jesus Cristo rejeitasse o prazer ligado às sensações do corpo. A sexualidade no sentido do prazer passa a ser condenada a partir da influência, sobre a corrente filosófica patrística, da austera filosofia grega, que priorizava o espírito sobre o corpo.

Santo Agostinho, um dos maiores expoentes desta corrente, partia do princípio que o corpo teria que ser santificado; desta forma a sensação de prazer ligada ao ato sexual tornaria o ser humano impuro, portanto pecador; o sexo seria permitido somente depois do casamento, em um sentido natural, para continuação da espécie humana.

A partir da influência de Santo Agostinho na doutrina da Igreja Católica, quem seria Exu? O diabo cristão! Excitado e excitando a humanidade ao prazer, por meio de seu falo ereto.

Em oposição ao que prega a doutrina católica, a representação fálica de Exu, no culto *Iorubá*, possui um sentido vital; para a cultura africana o falo é um símbolo de procriação, o que garante a continuação da espécie humana. Exu é cultuado como o portador supremo da vitalidade, o senhor viril, forte e vigoroso.

Na cultura africana, não existe a soberania do homem, nem de seus próprios deuses, pois as divindades são seus ancestrais. Deste modo, os deuses africanos possuem características, emoções e vontades semelhantes à dos humanos. Para os comungantes do culto aos Orixás, o falo ereto de Exu nada mais é do que a representação dos desejos constituídos na mente humana, uma vez que os Orixás são divindades neutras que servem às vontades de seus adeptos.

Sobre o sentido de servir, Sàlámì e Ribeiro (2015) afirmam que os Orixás realizam o auxílio aos seus comungantes como um ato de nobreza:

Os orixás servem ao homem, sim, mas com a conotação do servir como a mais nobre das ações exercidas, por ser em benefício de outros. Não se trata, pois, de servir de um modo subserviente, mas nobremente, dado que as oportunidades de servir desencadeiam fluxos de energia que beneficiam, tanto o receptor quanto o doador (SÀLÁMÌ; RIBEIRO, 2015, p. 151).

Desta forma, ao abordar o ato de servir dos Orixás, assim como o de Exu, Sàlámì e Ribeiro (2015) elucidam que o fato de as divindades serem fatores neutros e servirem às vontades dos homens, não os faz servos, no sentido de escravos, das vontades de seus

comungantes, mas sim de prestar auxílio aos seus adeptos. Esse ato solidário para com o homem produziria benefícios para ambas as partes.

4.2 Exu chega ao Brasil

Exu chega ao Brasil, não por meio de altares, imagens ou representações simbólicas. Chega nas lembranças do seu povo que, mesmo escravizado, humilhado e maltratado, não esqueceu a sua fé ancestral, os ritos e rituais concedidos aos deuses africanos.

Aos africanos escravizados sofreram a imposição da religião católica, dos senhores brancos. Eram obrigados a frequentar a missa e a jurar que estavam convertidos, para não sofrerem punições. Foram proibidos de praticarem a religião de sua terra de origem. Diante da negação de suas raízes religiosas, a necessidade de manter a fé e o culto aos seus Orixás, foi mais forte. Astutos e versáteis como seu ancestral Exu, os africanos escravizados iniciaram o sincretismo no Brasil.

Assim como Exu é a própria dualidade, que faz o certo ficar errado e o errado ficar certo, os africanos passam a cultuar seus Orixás, sincretizados em imagens católicas. Foi a maneira encontrada pelos africanos, de ocultar seus deuses negros nos santos brancos de seus senhores.

Ao discorrer sobre sincretismo, Verger (1982) refere-se a Nina Rodrigues, como pioneira a indagar e pesquisar sobre o tema:

Nina Rodrigues constatava que, em fins do último século, a conversão religiosa não fez mais que justapor as exterioridades muito mal compreendidas do culto católico às suas crenças e práticas fetichistas que em nada se modificaram. Concebem os seus santos ou orixás e os santos católicos como de categoria igual, embora perfeitamente distintos. Os africanos escravizados se declaravam e aparentavam convertidos ao catolicismo; as práticas fetichistas puderam manter-se entre eles até hoje quase tão estremes de mescla como na África (VERGER, 1982, p.13).

Ao apontar em “fins do último século”, Verger (1982) estava se referindo ao século XIX. O autor indicou que, embora mal compreendido, o sincretismo permitia igualar os santos aos Orixás, pois a fé não depende de religião.

Para não serem castigados, os africanos escravizados juravam a fé católica, porém a prática do sincretismo permitia a realização do culto aos Orixás, semelhante ao culto realizado no continente africano. Verger (1982) conclui a citação de Nina Rodrigues, e comenta o fato de os africanos e seus descendentes terem se tornados simpatizantes:

Com o passar do tempo, com a participação de descendentes de africanos e de mulatos cada vez mais numerosa, educada num igual respeito pelas duas religiões, tornaram-se eles tão sinceramente católicos quando vão à igreja, como ligados às tradições

africanas, quando participam, zelosamente, das cerimônias de Candomblé (VERGER, 1982, p. 13-14).

Conclui-se que o sincretismo se tornou incontestável através dos séculos. O respeito à Igreja Católica e aos seus santos, por parte dos africanos e seus descendentes, com o passar do tempo foi sucedendo às gerações; o que se observa na atualidade é que os adeptos das diversas vertentes de matrizes africanas são praticantes de variados ritos e rituais católicos, mas mantêm como prática principal, a sua religião de origem.

5 As diversas vertentes de matrizes africanas e a presença de Exu

Como se disse anteriormente, os africanos escravizados passaram a praticar sua religião de origem por meio do sincretismo com os santos católicos. A partir deste tema, se faz necessário trazer à luz do conhecimento como ocorreu o início dos cultos aos Orixás no Brasil.

Os cultos afro tiveram origem em um conjunto de culturas que se encontram em terras brasileiras. Os africanos trouxeram o culto ancestral aos Orixás, o pacto português entre a coroa e a Igreja promoveu a vinda da doutrina católica, e os nativos brasileiros já realizavam ritos e rituais aos seus deuses indígenas. A partir desta miscigenação cultural, nascem no Brasil novas vertentes religiosas.

No que concerne ao culto aos Orixás e às novas vertentes que foram surgindo, os ritos e rituais não obedeciam à mesma ordem; os escravos migraram de diversas aldeias africanas e, embora todos tivessem em comum o culto aos Orixás, havia diferenças nas práticas ritualísticas. Entre as diversas denominações que foram surgindo por meio do hibridismo cultural e religioso, que resistiram ao tempo, os que se tornaram mais populares no Brasil foram: Candomblé, Xangô, Umbanda, Tambor de Mina, Batuque do Sul, Quimbanda. Em todas as religiões citadas, está presente o culto a Exu, exceto em Tambor de Mina.

O mensageiro que leva os pedidos do homem para os deuses, em toda a sua versatilidade, subdividiu-se entre as novas vertentes religiosas. Manteve a sua essência e função principal, além das que foram surgindo. Porém, foi batizado com diversos nomes: Exu, *Esù*, *Esú Odará*, *Elegbarà*, *Barà*, e mais uma infinidade de nomes concedidos aos chamados Exus “falangeiros” e “*catiços*”. A comunicação com seus comungantes se mantém por meio dos jogos de adivinhações, como búzios, *opelè-ifá*, jogo de *obi*; algumas vertentes utilizam a incorporação. Exu é saudado nas matrizes africanas, por “*Laroyê Exu, Exu é mojubá!*”, que significa “Mensageiro Exu, a ti meus respeitos!”

5.1 Ritos, rituais e simbologia dedicados a Exu, nas matrizes africanas

Ao explicar sobre as formas de manifestação da fé, por meio de ritos e rituais, é preciso indicar que tais acontecimentos se dão em espaços sagrados. Ao tratar-se da questão do espaço — para as religiões de matrizes africanas que são consideradas animistas, pelo fato de existir a incorporação, e politeístas por professar a fé em vários deuses —, Faria (2018) cita que para estas denominações o conceito de sagrado toma outras proporções:

Nas religiões tradicionais, animistas e politeístas, o conceito de sagrado se expande conforme as divindades cultuadas, que muitas vezes representam as forças da natureza ou estão associadas a ela. Neste sentido o sagrado está presente em muitos ambientes, como mata, água, o fogo, o vento, a montanha e assim por diante (FARIA, 2018, p. 153).

Assim sendo, sobre a questão de espaço sagrado para as religiões de matrizes africanas, podemos compreender que ritos e rituais concedidos às divindades vão além das dimensões de um templo.

No que se refere a Exu, concebe-se que onde existe um entroncamento de ruas, estradas, avenidas, caminhos etc., se faz presente o culto à entidade; desta forma constituem-se também em espaços sagrados. As encruzilhadas são utilizadas para as práticas de oferendas, no intuito de realizar pedidos e agradecimentos.

Nas religiões de matrizes africanas em que Exu está presente, existem diversas cerimônias, saudações, cânticos, danças e objetos representativos que, por meio de experiências humanas no que tange à fé, passam a ter um sentido mágico, ou seja, um objeto comum se torna um símbolo religioso; tais manifestações são chamadas de ritos que, reunidos, formam um ritual.

5.2 Ritos e rituais destinados a Exu na Umbanda

A Umbanda é uma religião brasileira, fundada por Zélio de Moraes, no ano 1908, por meio do espírito denominado entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas.

O espaço sagrado é chamado popularmente de terreiro ou templo. No que tange à organização religiosa, existe a manifestação de espíritos denominados entidades. Na Umbanda, existe uma divisão dos espíritos pelo que é chamado de linhas. Cada linha corresponde a um trono divino, que atua em um determinado campo vibracional dos seus adeptos, na natureza e no espaço.

Exu Orixá lidera a “linha da esquerda”; sob o seu comando existem diversos espíritos denominados entidades, que realizam o trabalho espiritual por meio de um ritual denominado gira, que é conduzido por um sacerdote, popularmente conhecido como “pai de santo”. As entidades utilizam elementos como bebida, fumo, velas etc. Na Umbanda não existe sacrifícios de animais; a Exu oferta-se um prato denominado “*padê*”, uma mistura de farinha com cachaça. Os símbolos religiosos são colares denominados fios de contas, utilizados para proteção dos médiuns; geralmente cada colar representa uma divindade desta vertente. As vestimentas utilizadas pelos fiéis para os rituais da chamada “linha da esquerda”, são pretas, vermelhas e brancas.

Na Umbanda se apresenta o sincretismo; a cada santo católico corresponde um determinado Orixá. Exu Orixá, em muitas regiões do Brasil, é sincretizado em Santo Antônio. Existem também diversas estatuetas que representam as entidades, entre elas Exu.

Os chamados ritos de passagem são batismo e casamento. Também se usa a música, que são cânticos denominados pontos, entoados pelos comungantes para as suas divindades, com o auxílio do toque do atabaque.

Em relação à linguagem sagrada, não existe uma determinada escritura ou liturgia a ser seguida. No entanto, na atualidade, existem vários livros publicados por seguidores desta vertente, no intuito de sistematizar e organizar a doutrina.

5.3 O culto a Exu no Candomblé, Xangô e Batuque do Sul

No que tange às vertentes religiosas Candomblé, Xangô e Batuque do Sul, há semelhança nas práticas ritualísticas. A Nação de Xangô concentra-se com mais intensidade na região do Nordeste do país, enquanto o Batuque tem a sua maior concentração no Sul. O Candomblé, também concentrado no nordeste do país, subdivide-se em várias organizações, as nações”; assim, é praticado em diversas regiões do Brasil.

Os locais considerados sagrados para estas vertentes são denominados terreiro, terreira, *ylê asè*, casa de axé e roças. Nestes locais são realizados cultos para as divindades denominadas Orixás; tais cerimônias geralmente são conduzidas por líderes espirituais conhecidos popularmente por pai ou zelador de santo.

A organização religiosa se dá por meio do culto e da incorporação de divindades intituladas Orixás, que são para os fiéis manifestações divinas, representantes de alguns elementos da natureza. Os Orixás atuam e interferem diretamente na vida e na conduta de seus comungantes.

Exu Orixá está presente em todas as nações, sendo o primeiro a ser cultuado nestas vertentes. Exu é mensageiro e protetor das casas de axé. A Exu oferece-se um prato denominado de “*padê*”, feito de farinha, cachaça e dendê, que geralmente é deixado nas entradas dos templos, em todo início ritualístico. Em muitas ocasiões também é oferecido a Exu o sacrifício animal.

Além de Orixá, Exu apresenta-se como espíritos semelhantes aos das entidades da Umbanda, porém são chamados nestas religiões de “*catiços*”. A eles oferecem-se bebidas alcoólicas, fumo, sacrifícios animais e cerimônias denominadas de festas; estas divindades são cultuadas como protetoras pessoais dos adeptos.

Os símbolos religiosos utilizados para os rituais, em sua maioria, são colares denominados de fios de conta, utilizados como amuleto de proteção; as vestimentas são coloridas e correspondentes às divindades. Existe também o que é chamado de assentamento, que são um conjunto de objetos simbólicos, geralmente colocados dentro de vasilhas de barro, porcelana ou metal de cobre. Estes objetos representam e correspondem a uma determinada divindade, cultuada nesta vertente.

Os rituais de passagens são feitura, iniciações e obrigações ritualísticas geralmente realizadas a cada 7 anos. Existem também cerimônias como batismo, casamentos e funerais. Entre os diversos rituais sagrados, está prática do jogo de adivinhação com búzios. São entoados cânticos em louvor aos Orixás, no dialeto africano *Iorubá* e em português, com o auxílio de tambores e atabaques.

As linguagens sagradas não se apoiam em um livro. As doutrinas e as tradições dos ritos, rituais e a conduta moral dos seguidores são perpetuados por seus ancestrais desde o tempo da escravidão.

5.4 Exu na Quimbanda

A Quimbanda se originou por meio de uma mistura de cultos africanos e indígenas. Esta vertente concentra o seu culto especificamente em ancestrais, que seriam espíritos anteriormente encarnados no planeta Terra e que hoje atuam como entidades “quimbandeiras”. Estes espíritos assumem o pseudônimo de Exu no masculino e Pomba-Gira quando se apresentam como espíritos femininos. Assim como na Umbanda, estas entidades têm diversos nomes como: Tranca-Ruas das Almas, Exu Morcego, Exu Rei, Pomba-Gira Rainha, Bombo Gira, Exu-mulher, entre outros.

Os espaços sagrados são denominados templos religiosos, reinos, terreiros e são realizados diversos rituais em cemitérios.

No que tange à organização religiosa, o culto a Exu na Quimbanda divide-se no que se denominam Reinos; uma determinada divindade chefia um reino e tem sob o seu domínio diversos espíritos de exus que, em conjunto, compõem uma falange.

O povo da rua, como são chamados, utiliza diversos símbolos religiosos. Assim como as outras vertentes apresentadas, fumo, velas, bebidas alcoólicas, sacrifício animal; também usam fio de contas como proteção ou amuleto. As vestimentas são sempre pretas e vermelhas. São realizados assentamentos, ou seja, um conjunto de objetos simbólicos correspondentes às divindades, que possuem um sentido de proteção e força dos Exus para os seguidores. Nos templos, há cadeiras paramentadas, conhecidas como trono, utilizadas pelos sacerdotes quando incorporam a sua entidade, denominada Exu-chefe.

Os rituais de passagens são nomeados de “obrigações”; nestes ritos existem práticas de sacrifícios animais. Também são realizadas diversas cerimônias, denominadas festas, com o intuito de prestar homenagens e agradecimentos às divindades desta religião.

No que tange às escrituras sagradas, esta vertente assemelha-se às outras denominações afro-brasileiras. Na Quimbanda não existe uma escritura ou liturgia a ser seguida, os ritos e rituais concedidos aos deuses são perpetuados pelos seguidores mais antigos, porém, na atualidade, assim como na Umbanda, existem diversos livros que ensinam aos novos adeptos um princípio doutrinário.

6 Metodologia

Esta pesquisa tem por objetivo traçar o percurso histórico de Exu desde a sua fonte mitológica e proporcionar visibilidade a parte da cultura histórica e religiosa do Brasil; expor as representações da divindade, os símbolos, ritos e rituais realizados pelos comungantes das religiões de matrizes africanas. Com o propósito de obter os resultados esperados, foi utilizado o método bibliográfico qualitativo; para expor a viabilidade da utilização do método, se faz necessário conceituá-lo. Segundo Flick (2013, p. 23) “a coleta de dados é concebida de uma maneira muito mais aberta, e tem como objetivo um quadro abrangente possibilitado pela reconstrução do caso que está sendo estudado”.

Desta forma, o método de pesquisa qualitativo indica diversos caminhos para a pesquisa e uma maior absorção de conhecimento em torno do tema proposto. Foram pesquisados diversos materiais bibliográficos, assim como publicações de teses e banco de dados de

trabalhos acadêmicos, com o intuito de alcançar material suficiente para a estruturação adequada em torno da problematização do assunto abordado.

A definição metodológica favoreceu a utilização de obras do escritor Pierre Verger. Por uma ótica analítica que sistematiza os fatos por meio de métodos de pesquisa e vivência religiosa, o autor revela uma visão ampla e minuciosa do tema abordado. Em sua obra *Os Orixás*, é possível observar o percurso do mito, sua personalidade versátil, assim como suas qualidades e imperfeições, perfazendo uma aproximação humana da divindade mitológica abordada nesta pesquisa.

O professor e escritor Adriano Antônio Faria, em sua obra *Filosofia da Religião*, possibilitou conhecimento em torno de conceitos utilizados neste trabalho, como mito, ritos, rituais e simbologia. Com isso, foi possível a sistematização e organização, de forma clara, da problematização e conceituação desta pesquisa.

Este trabalho utilizou o método bibliográfico qualitativo, que permitiu investigação e coleta de dados importantes para a fundamentação teórica, no intuito de obter um resultado significativo em torno da problematização, organização e sistematização do tema abordado, tendo em vista se tratar de um assunto histórico, cultural e religioso.

7 Considerações finais

Ao tratarmos de Exu, nesta pesquisa foi possível observar a sua versatilidade, apresentada desde diversas óticas. Apresenta-se com uma personalidade dual, ora desordeiro, malfeitor, briguento, depravado e demonizado por seus atributos fálicos. Em outro momento, como o senhor ordenador do caos, fiscalizador dos bons costumes da moralidade humana, que ampara e auxilia aqueles que nele têm fé.

Observa-se que tal representação aproxima a divindade da personalidade humana. Isso nos leva a compreender que, apesar de suas funções específicas e insubstituíveis de mensageiro do homem para com os deuses, assim como todos os Orixás do panteão africano, Exu assume uma neutralidade perante os pedidos dos homens. Serve aos desejos humanos, portanto seus feitos não são suas vontades em si mesmas, mas a vontade dos homens de suprir necessidades mundanas, muitas vezes inconsequentes e egocêntricas. Isso causa a construção da representação negativa e malfeitora da divindade.

Ao abordar o tema proposto neste trabalho de pesquisa, é necessário levar em consideração o sentido da transcendência desta manifestação religiosa por meio da fé. A religião aporta ao indivíduo um conjunto de fatores culturais e simbólicos, manifestados por meio de

ritos e rituais, no intuito de estabelecer vínculo do homem com o que está além do mundo natural. A transcendência de uma determinada divindade, por meio do sentido da fé, está além do tempo e do espaço físico.

Desta forma, foi possível observar — no percurso histórico de uma determinada etnia —, que manter a crença e a fé naquilo que viabiliza ligação com o sagrado vai além de limitações físicas e de imposições humanas. Mesmo escravizados e afastados de suas origens, tendo sofrido perdas físicas, familiares, emocionais e inclusive simbólicas de seu culto ancestral, mesmo sendo obrigados a declarar conversão a outra denominação, ancorados naquilo que anteriormente lhes fora concedido por seus ancestrais como valores religiosos, mantiveram a sua fé, ainda que de forma velada.

A resistência da fé de um determinado grupo étnico proporcionou a manifestação, a criação e a organização de diversas vertentes ao longo do tempo, criando raízes culturais e históricas; mostra na atualidade o que conhecemos por miscigenação religiosa praticada no Brasil.

Exu — o Orixá milenar forte e versátil, o comunicador e mensageiro entre os mundos, aquele que está presente em todas as esferas, a divindade de múltiplas faces —, resistiu à imposição e aos pré-conceitos de outras denominações, sobre suas representações. Atravessou o continente na memória de seu povo, se instalou no Brasil, dividiu-se em várias vertentes, multiplicou seus pseudônimos, possui diversas representações nos cultos afro-brasileiros; na atualidade, mantém-se vivo e atuante nas diversas manifestações de fé daqueles que o cultuam.

Referências

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**. 2. ed. Tradução: J. D. Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996. v. 1.

AGOSTINHO, S. **Os pensadores**. Tradução: J.S. Oliveira; A. Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ALVES, A. C. Z. **Quando o certo é errado e o errado é certo: reações e peripécias de Exus no Brasil**. 2013. 167 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305858300_Quando_o_Certo_e_Errado_e_o_Errado_e_Certo_Reinacoes_e_Peripecias_de_Exus_no_Brasil. Acesso em: 14 abr. 2020.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. Tradução: M. E. Capellato; O. Krähenbühl. São Paulo: Pioneira, 1985.

COSTA, O. S. **Exu, o orixá fálico da mitologia nagô-yorubá: demonização e sua resignação na umbanda**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia

Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/864>. Acesso em: 28 maio 2020.

CRAVO JÚNIOR, M. Poema Exu para Jorge Amado. In: **Blog Umbanda EAD**, Instituto Cultural Aruanda, São Paulo, 08 out. 2017. Disponível em: <https://umbandaead.blog.br/2017/10/08/poema-de-exu-por-mario-cravo-jr/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

FARIA, A. A. **Filosofia da religião**. Curitiba: Intersaberes, 2018.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução: M. Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

LIMA, L. C. Homossexualidade e Igreja Católica – Conflitos e direitos em longa duração. **Revista Eletrônica Em Debate – PUC Rio**, Rio de Janeiro, v. 4, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MENDONÇA, E. **Rituais de quimbanda linha de esquerda**. São Paulo: Anubis, 2016.

PEIXOTO, N. **Exu, o poder organizador do caos**. Porto Alegre: Besouro Box, 2016.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Schwarcz, 2007.

PEREIRA, T. A. P. A igreja católica e a escravidão negra no Brasil a partir do século XVI. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, ano 3, ed. 5, v. 5, p. 14-31, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/igreja-catolica>. Acesso em: 21 abr. 2020.

KILEUY, O.; OXAGUIÃ, V. de. **O candomblé bem explicado**: nações bantu, iorubá e fon. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SÀLÁMÌ, S. K.; RIBEIRO, R. I. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Oduduwa, 2011.

SARACENI, R. **Livro de Exu**: o mistério revelado. São Paulo: Madras, 2005.

SARACENI, R. **Fundamentos doutrinários de umbanda**. São Paulo: Madras, 2012.

SILVA, D. N. Escravidão no Brasil. In: **Brasil Escola**, Rede Omnia, Goiania, [s. d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso: 10 abr. 2020.

VERGER, P. **Lendas africanas dos orixás**. Salvador: Corrupio, 1997.

VERGER, P. **Orixás**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.